

CENTRO UNIVERSITÁRIO SAGRADO CORAÇÃO

ISABEL HELENA DE GÓES MARTINS

OS IMPACTOS DA PRISIONALIZAÇÃO NA SOCIEDADE

BAURU

2022

ISABEL HELENA DE GÓES MARTINS

OS IMPACTOS DA PRISIONALIZAÇÃO NA SOCIEDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Jornalismo – Centro Universitário Sagrado Coração.

Orientadora: Prof.^a Dra. Leire Mara Bevilaqua

BAURU

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo
com ISBD

M379i	<p>Martins, Isabel Helena de Goes</p> <p>Os impactos da prisionalização na sociedade / Isabel Helena de Goes Martins. -- 2022. 35f.</p> <p>Orientadora: Prof.^a Dra. Leire Mara Bevilaqua</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Centro Universitário Sagrado Coração - UNISAGRADO - Bauru - SP</p> <p>1. Rerpotagem hipermídia. 2. Encarceramento. 3. Sociedade. 4. Webjornalismo. I. Bevilaqua, Leire Mara. II. Título.</p>
-------	--

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso abordou a produção de uma grande reportagem hipermídia para discutir os impactos do encarceramento dentro da sociedade. Entre os principais temas abordados estão: a dificuldade de reinserção de réus nas atividades civis, a eficácia do modo prisional para controle social, os impactos emocionais e psicológicos na vida de familiares e indivíduos próximos de pessoas que encaram o encarceramento. O objetivo foi apresentar diferentes perspectivas sobre o encarceramento e sensibilizar a população sobre os impactos que a prisionalização causa na vida dos indivíduos e de quem está a sua volta. Para tanto, utilizou-se das pesquisas bibliográfica e histórica para compreender o cenário apresentado e redigir o relatório teórico, e o método de entrevista jornalística para o desenvolvimento da reportagem hipermídia, disponibilizada no link: <https://readymag.com/u3320247425/3651537/>

Palavras-Chave: Encarceramento. Reportagem hipermídia. Sociedade. Webjornalismo.

ABSTRACT

This final paper deals with an hypermedia report production to discuss the impacts of incarceration within society, since the theme is little addressed. The main topics addressed are: the difficulty of reinserting defendants in civil activities, the prison system effectiveness for social control, the emotional and psychological impacts on the family members and individuals who are close to people who face incarceration. The objective is to present different perspectives on incarceration and sensitize the population about the impacts incarceration causes to individuals and those around them. Therefore, bibliographic and historical research are used to understand the presented scenario and write the theoretical report. The journalistic interview method was also used for the hypermedia report development. It is available at the link:

Keywords: Hypermedia report. Incarceration. Society. Webjournalism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	05
1.1 QUESTÃO-PROBLEMA	08
1.2 HIPÓTESES.....	08
1.3 OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS.....	08
1.4 JUSTIFICATIVA	09
1.5 METODOLOGIA.....	10
1.6 ESTRUTURA DO RELATÓRIO.....	11
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	12
2.1 OS EFEITOS DA PRISIONALIZAÇÃO NA SOCIEDADE.....	12
2.1.1 Efeitos psicológicos causados pela prisão.....	15
2.1.2 Sistema prisional e pandemia.....	16
2.2 JORNALISMO NA INTERNET	17
2.3 REPORTAGEM HIPERMÍDIA	20
3 DESCRIÇÃO DO PROCESSO DE PRODUÇÃO E PRODUTO.....	23
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28
APÊNDICE A – PAUTA REPORTAGEM.....	30
APÊNDICE B – LINK DA REPORTAGEM.....	33

1 INTRODUÇÃO

De acordo com dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), publicados pelo Conselho Nacional de Pesquisa (2015), a cada 4 presos, 1 deles volta a cometer crimes no período de 5 anos. A segurança pública e o sistema carcerário no Brasil passam por certas fragilidades quando se trata de questões sanitárias, financeiras, legislativas e judiciárias. Dessa forma, os presídios, muitas vezes, acabam não sustentando sua demanda, com superlotações e estruturas inadequadas para suprir as necessidades, até mesmo as garantidas por lei. Ao contrário do que é replicado pelo Estado, os números, assim como estudos, apontam que o sistema prisional para vigilância e mecanismo de disciplina é falido.

As prisões não diminuem a taxa de criminalidade: podem aumentá-las, multiplicá-las ou transformá-las, a quantidade de crimes e de criminosos permanece estável, ou, ainda pior, aumenta. [...] a detenção provoca reincidência: depois de sair da prisão, se têm mais chances que antes de voltar a ela, os condenados são, em proporção considerável, antigos detentos. (FOCAULT, 1999, p. 221).

Um levantamento feito pelo G1¹ no Monitor da Violência², em parceria com o Núcleo e Estudos da Violência (NEV) da USP e com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, mostra que 1 em cada 5 presos, equivalente a 18,9%, trabalham no Brasil. Já o percentual de presidiários que estudam equivale a 12,6%. Com base nos dados, é possível concluir que não se pode ignorar a individualização de questões sociais, raciais, econômicas e familiares na constituição do indivíduo infrator.

É compreendido que existem pré-conceitos enraizados socialmente que ressaltam estereótipos formados em relação ao sistema carcerário.

[...] o enxerto entre as ideias de déficit permanente e mal moral, no contexto da época pineliana, encontrou as condições necessárias para fazer brotar a “periculosidade”, na forma de um conceito híbrido, mas absolutamente inédito. A naturalidade com a qual essa novidade conceitual foi recepcionada, tanto nas instituições médicas, jurídicas e sociais, de forma geral, daquela época até os dias de hoje, parece ser tributária desse

¹ Portal de notícias brasileiro mantido pelo Grupo Globo e sob orientação da Central Globo de Jornalismo.

² O Monitor da Violência é uma parceria entre a FBSP, G1 e o Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo (NEV/USP). A equipe monitora mensalmente homicídios, roubos e lesões corporais.

engenhoso artifício. Porém, basta dar a palavra a esses indivíduos ditos perigosos para perceber o que nossa experiência revela: essa engenhoca conceitual está a serviço de uma ficção, e mesmo por ser ficção não deixa de ter efeitos mortíferos ao incidir no real dos corpos e das práticas institucionais, na maioria das vezes, calando e mortificando a resposta do sujeito em sua singularidade inequívoca e impossível de prever. (BARROS-BRISSET, 2011, s/n).

Dentro do embasamento relacionado ao sistema prisional, uma das pautas a serem enfatizadas é que a saúde mental de presidiários é uma face inexplorada e de suma importância sobre a problemática do encarceramento, mesmo com a reforma psiquiátrica de 2001³. Segundo Constantino, Assis e Pinto (2016), cerca de 11,2% dos detentos homens e 25,5% das mulheres apresentavam transtornos mentais graves. Os autores fizeram uma projeção desses números para o Estado de São Paulo, calculando em cerca de 60 mil os prisioneiros com transtornos mentais graves.

A exclusão de um indivíduo do convívio social implica na geração de transtornos mentais. Segundo dados do Departamento Penitenciário Nacional (Depen), extraídos de relatórios produzidos pela Defensoria Pública da União (DPU), entre 2016 e 2017, 12% dos custodiados federais se suicidaram, e cerca de 60% sofrem com alucinações auditivas, psicose, desorientação e outros problemas mentais.

Outra problemática a se abordar é a interseccionalidade de gênero, classe e raça na produção da punição prisional. Em meio a presídios superlotados, a realidade que permeia e preenche o ambiente traz dados relevantes a serem analisados.

Segundo levantamento feito pelo 14º Anuário Brasileiro de Segurança Pública em 2020⁴, em 15 anos, a proporção de negros no sistema carcerário nacional aumentou 14%, enquanto a de brancos diminuiu 19%. Além disso, atualmente, 2 a cada 3 presos são negros. Dados de 2019⁵, levantados também pelo Anuário

³ A lei 10.216 foi um projeto do então deputado federal pelo estado de Minas Gerais em 2001, Paulo Delgado, a respeito dos direitos das pessoas com transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental.

⁴ Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/10/anuario-14-2020-v1-interativo.pdf>. Acesso em: 23 de maio 2022.

⁵ Disponível em: https://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/10/Anuario-2019-FINAL_21.10.19.pdf. Acesso em: 23 de maio 2022.

Brasileiro de Segurança Pública, revelam que dos 657,8 mil presos, 438,7 mil são negros, isso equivale a 66,7%.

As prisões no Brasil tornam-se, ano a ano, espaços destinados a um perfil populacional homogêneo. Atualmente, os presos brasileiros são majoritariamente homens, jovens e negros. Apesar dessa parcela massiva, as mulheres negras também ocupam grande espaço nos cárceres femininos do Brasil. Levantamento feito em 2019 pelo Instituto Terra, Trabalho e Cidadania (ITTC)⁶ mostra que 68% das mulheres encarceradas são negras, 57% são solteiras, 50% têm apenas o ensino fundamental e 50% têm entre 18 e 29 anos. Ainda assim, a maior parte das infratoras são mães e cumprem pena em regime fechado, sem antecedentes criminais. Vale ressaltar que a maioria delas está presa por tráfico de drogas.

Por isso, é fundamental considerar que o contexto social e de classe implicam na vulnerabilidade do indivíduo ao crime. A mudança da situação vivenciada dentro do sistema carcerário é um fator a ser considerado no aumento das prisões no Brasil e, conseqüentemente, no número de presos. Dados trazidos pela reportagem do Portal Correio⁷, levantados pelo coordenador do Laboratório de Pesquisa e Extensão em Subjetividade e Segurança Pública (Lapsus) da UFPB, Gabriel Genesis, revelam que em cerca de 30 anos, o número de presos no Brasil subiu de 90 mil, em 1990, para mais de 800 mil no ano de 2019, um acréscimo de quase 900%.

Nesse sentido, autores como Wacquant (2002) esclarecem que

[...] o crescimento hipertrófico da prisão é um componente de uma reestruturação mais abrangente do Estado para atender às exigências do neoliberalismo. Mas a raça desempenha um papel especial neste sistema emergente [...] E assim como o desmantelamento dos programas de assistência social foi acelerado por uma confusão cultural e política de escuridão e imerecimento, também o "grande confinamento" dos rejeitos da sociedade de mercado, os pobres, os doentes mentais, os sem-abrigo, os desempregados e inúteis, podem ser pintados como uma "repressão" bem vinda sobre eles, aqueles criminosos de pele escura de um grupo de parias ainda considerados estranhos ao corpo nacional. O sistema prisional reflete e reforça a divisão racial da sociedade e desempenha um papel fundamental no modelo de um estado pós-keynesiano. (WACQUANT, 2002, p. 25, tradução nossa).

⁶ Disponível em: <https://itc.org.br/wp-content/uploads/2021/12/Resumo-Executivo-LAI.pdf>. Acesso em: 23 de maio 2022.

⁷ Disponível em: <https://portalcorreio.com.br/aumento-numero-de-presos-brasil/>. Acesso em: 23 de maio 2022.

É, portanto, fundamental compreender e debater o cenário brasileiro no que diz respeito à prisionalização.

1.1 PROBLEMA

Com base no contexto apresentado formula-se a seguinte questão que norteará o estudo: a prisionalização e o método de encarceramento brasileiro são realmente eficazes e benéficos para a reabilitação e reinserção do preso na sociedade?

1.2 HIPÓTESES

- O modelo de prisionalização nacional contemporâneo é ineficaz para o controle social.
- A demora para a reinserção social impacta psicologicamente e economicamente não só o indivíduo que passou pelo sistema prisional, mas toda a sua família.

1.3 OBJETIVO GERAL

O objetivo geral deste trabalho de conclusão de curso é promover uma discussão sobre o encarceramento no Brasil e suas consequências sociais.

1.3.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

A partir do objetivo geral, são desdobrados os seguintes objetivos específicos:

1 – Compreender, por meio da revisão bibliográfica e histórica e de entrevistas com especialistas e ex-encarcerados, a realidade social, étnica, econômica e cultural de indivíduos privados de liberdade e suas famílias;

2 – Identificar os impactos sociais, emocionais, físicos e psicológicos ocasionados pelo encarceramento.

3 – Produzir uma grande reportagem hipermídia para ampliar o acesso e o debate sobre o assunto.

1.4 JUSTIFICATIVA

Este trabalho mostra-se importante por estar embasado em uma reflexão sobre os direitos humanos, o sistema prisional dentro da sociedade brasileira e os contextos em que os indivíduos réus estão inseridos. De acordo com dados de 2016 do Infopen⁸, o Brasil tem a quarta maior população carcerária do mundo. A realidade é de celas superlotadas, alimentação precária e violência. Situação que faz do sistema carcerário um grave problema social e de segurança pública. Por isso, é necessário apresentar de forma aprofundada este conteúdo, de forma a ampliar a visão da população sobre o tema e diminuir o preconceito.

Visto que a contextualização e o debate sobre a prisionalização não são tão recorrentes na mídia, a grande reportagem hipermídia foi escolhida como produto pois essa modalidade permite que o alcance da mensagem seja maior. A pesquisadora Pollyana Ferrari afirma que

O digital, ao contrário da comunicação escrita que se encerra no momento da impressão, potencializa o alcance e amplia as opções de leitura, permitindo que o leitor, ou usuário, assume o papel de comando, reformulando as telas hipertextuais que contêm textos, imagens, simulações interativas e base de dados em produto personalizado, sob medida. (FERRARI, 2010, p. 102).

Yvan Charon (1995, p.11), por sua vez, relata que “[...] quando não viveu diretamente uma certa realidade, o jornalista dispõe de intervenientes, testemunhas, observadores ou especialistas que detêm fragmentos dessa realidade”. Essa é justamente a intenção deste trabalho e do produto desenvolvido a partir dele. Assim, por meio da reportagem hipermídia, relatando a experiência de quem passou pelo

⁸ Sistema de Informações estatísticas do Sistema Penitenciário Brasileiro. Dados disponíveis em: <http://antigo.depen.gov.br/DEPEN/depen/sisdepen/infopen>. Acesso em: 20 de maio 2022.

sistema prisional e com a análise de especialistas, tem-se a possibilidade de oferecer um produto capaz de apresentar pontos inexplorados da temática, promover a conscientização e reduzir o preconceito com os indivíduos em situação de cárcere, a fim de contribuir com uma completa inserção na sociedade.

1.5 METODOLOGIA

Para a elaboração deste trabalho de conclusão de curso, foram utilizadas pesquisas bibliográficas com o objetivo de identificar e revisar livros, artigos e outros materiais publicados anteriormente sobre esse tema. Uma forma de aprofundar conceitos que seriam necessários para a construção deste relatório e também da reportagem hiperfídia.

A próxima etapa foi utilizar técnicas jornalísticas aprendidas durante a graduação para o desenvolvimento de pautas e, posteriormente, para a realização das entrevistas com especialistas no tema e os indivíduos que passaram pelo sistema prisional. Todos os depoimentos foram transcritos para que pudessem ser utilizados no desenvolvimento da grande reportagem, de forma que trechos e falas relevantes pudessem contribuir com o aprofundamento do tema e oferta de informações relevantes ao leitor que consumir o material.

Os nomes dos entrevistados que aceitaram relatar experiências no sistema prisional foram preservados pela pesquisadora, atendendo a um pedido feito por eles para manutenção da privacidade. Tanto nos anexos quanto na grande reportagem hiperfídia, foram atribuídos nomes fictícios. Porém, os termos de autorização de uso de imagem e de voz foram preenchidos e devem permanecer em posse da pesquisadora pelo prazo de 5 anos.

1.6 ESTRUTURA DO RELATÓRIO

Após esta apresentação do capítulo 1, composto pelo objeto de estudo, problema, hipóteses, objetivos, justificativa e metodologia, apresenta-se a estrutura dos demais capítulos.

O capítulo 2 é dedicado a trazer uma revisão bibliográfica sobre as problemáticas do processo de prisionalização. Também é trazido neste capítulo o

referencial teórico necessário para explorar o conceito de jornalismo digital e a reportagem hipermídia.

No capítulo 3 é relatado o processo da construção da reportagem hipermídia. São explicados como os personagens foram escolhidos, como foram feitas as entrevistas, a transcrição, a opção por cada um dos materiais adicionais que foram escolhidos, e como foi a montagem na plataforma digital, por exemplo, escolhas de fonte, tamanho, tratamento de fotos.

O quarto e último capítulo está dedicado às considerações finais, com a resposta à pergunta de pesquisa e avaliação do cumprimento dos objetivos traçados.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Para a execução deste projeto, foram utilizadas pesquisas bibliográficas e documentais para o aprofundamento na temática escolhida. Ao longo desse processo, livros, teses e artigos serviram de apoio.

O principal autor que, por meio de seus estudos e conceitos, embasou esta pesquisa é Michel Foucault, filósofo, historiador, filólogo e teórico social. “Vigiar e Punir” é a principal obra que serviu como inspiração para aprofundar os conceitos de prisionalização, a história das prisões e as problemáticas do sistema prisional. Além de Foucault, Cezar Bitencourt, escritor e advogado penal, também está fortemente presente na fundamentação teórica, apresentando o conceito da cultura de encarceramento. Esse autor embasou os estudos a respeito dos impactos mentais que o confinamento dentro das prisões causa nos presidiários.

Já Pollyana Ferrari é a principal fonte utilizada sobre os estudos em jornalismo digital. A autora Lucia Leão traz luz sobre hipermedialidade, hipertexto e conversão de mídias no jornalismo. Dizard, Wolton, Machado e Levy são usados para trazer o contexto da comunicação digital.

Dessa forma, este trabalho parte de uma pesquisa para entender, conceituar e informar sobre o assunto abordado, para que os consumidores interessados neste conteúdo também reflitam sobre o tema. “A comunicação não precisa de abundantes aspectos analíticos, mas é necessário que a experiência, as ideias ou a teoria sejam bem fundamentadas” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 253).

2.1 OS EFEITOS DA PRISIONALIZAÇÃO NA SOCIEDADE

É sabido que em nossa sociedade contemporânea existem algumas adversidades no ambiente prisional. Bitencourt (2001) traz luz sobre as controvérsias do sistema prisional, camufladas pelo Estado. Uma vez que o indivíduo é incluído numa experiência em que a cultura é limitada unicamente ao nicho de rotina e vivências, é inevitável que não ocorra a influência comportamental sobre a personalidade do preso, construída durante o período de cárcere.

Bitencourt (2001) revela também que, mesmo após o desencarceramento, o sujeito ainda prossegue sob essa influência que ocorre na prisão, composta por tradições, valores, costumes e atitudes impostos pela população presidiária. Esse fenômeno é chamado de “prisionalização”, que nas palavras do autor é descrita como “[...] a forma como a cultura carcerária é absorvida pelos internos. [...] As pessoas que são assimiladas vêm a compartilhar sentimentos, recordações e tradições do grupo estabelecido, também chamado estático”. (BITENCOURT, 2001, p. 190).

O autor ainda caracteriza a prisionalização como o efeito mais importante que o subsistema social carcerário produz no indivíduo. O processo do “encarceramento” ou “prisionalização” varia de acordo com certos fatores, por exemplo a duração da pena e a concordância com os princípios da sociedade presidiária.

O recluso adapta-se às formas de vida, usos e costumes impostos pelos próprios internos no estabelecimento penitenciário, porque não tem outra alternativa. [...] Essa aprendizagem de uma nova vida é mais ou menos rápida, dependendo do tempo em que estará sujeito à prisão, do tipo de atividade que nela realiza, sua personalidade, suas relações com o mundo exterior etc. A prisionalização, enfim, tem efeitos negativos à ressocialização que o tratamento dificilmente poderá evitar. (BITENCOURT, 2001, p. 191).

Leal (1998, p. 74) defende que o modelo atual de funcionamento do sistema prisional não é suficiente no quesito de abranger os direitos dos presos, visto que, mesmo com um rígido complexo de normas excludentes da sociedade comum, são recorrentes situações inadequadas. O autor salienta que até mesmo direitos fundamentais relacionados à dignidade humana, como tratamento de esgoto, alimentação e higiene básica, lá dentro, são colocados à prova. Outro fato que torna elevada a falha desse sistema é a presença do tráfico de drogas e o abuso sexual que acontecem em meio a banhos de sol e celas superlotadas.

Goffman (1987), por sua vez, destaca que, além da tendência ao fechamento, as instituições prisionais são geralmente caracterizadas pelo interesse dos membros. O autor caracteriza as prisões como organizações que têm como objetivo final promover o bem-estar da sociedade através do isolamento do criminoso. Essa linha de raciocínio parte do princípio de que pessoas reclusas não apresentam perigo à sociedade.

Dessa forma, é compreensível que o encarceramento tenha, assim, um impacto negativo na chamada “ressocialização”. Isso porque todos que ingressam no presídio sofrerão mais ou menos o encarceramento. Bitencourt (2001) destaca algumas das condições que podem até favorecer o encarceramento maior: penas longas; poucas relações fora da prisão que possam influenciar positivamente o preso; entre outras coisas, a aceitação incondicional do dogma da sociedade carcerária.

Esse tipo de instituição total despe o indivíduo de tudo o que o mesmo carregou consigo durante a sua vida. Bitencourt (2001) ressalta ainda que o sistema prisional causa no interno uma série de depressões, degradações e humilhações desde o seu ingresso

A mortificação do ego é sistemática, embora nem sempre seja intencional. A barreira que as instituições totais levantam entre o interno e a sociedade exterior representa a primeira mutilação. Desde o momento em que a pessoa separada da sociedade, é também despojada da função que nela cumpria. Posteriormente, o interno é submetido a procedimentos de administração, onde é manuseada, classificada e moldada. Isso implica uma coisificação da pessoa, pois é classificada como objeto para ser introduzida na burocracia administrativa do estabelecimento, onde deverá ser transformada paulatinamente, mediante operações de rotina. Esse procedimento leva a uma nova despersonalização e a depreciação do ego. (BITENCOURT, 2001, p.173).

Permeado por características rígidas, o fato que sucede disto revela a impossibilidade de rompimento com este complexo do encarceramento. Bitencourt (2001) corrobora deste pensamento e ressalta que a ressocialização é inviabilizada justamente pelo modelo atual de instituição total que configura os presídios, concluindo que este é um meio inadequado e ineficaz para a obtenção de algum efeito positivo.

Todas as suas necessidades de vestuário lazer, etc. dependem da instituição. O interno pode adaptar-se facilmente a modos de ser passivos, encontrando equilíbrio ou gratificação psicológica em seu exercício. Na instituição total, geralmente, não se permite que o interno seja responsável por alguma iniciativa, e o que interessa efetivamente é sua adesão as regras do sistema penitenciário. A passividade do interno convertida em “pautas” normais comportamento, é o resultado

natural que instituição total produz. É mais uma razão a demonstrar a impossibilidade de ressocialização do delinquente pelo internamento. (BITENCOURT, 2001, p.173).

2.1.1 Efeitos psicológicos causados pela prisão

A preocupação com os danos psicológicos decorrentes do aprisionamento e privação da liberdade do indivíduo foi objeto de debates no início do século XIX. Estudos sobre a relação psicose-encarceramento começam a tomar forma em meados de 1937, quando os primeiros médicos norte-americanos observaram e advertiram numerosas psicoses dentro dos presídios (BITENCOURT, 2001, p. 195).

Não obstante, em seus estudos, Bitencourt (2001) ainda constata como impróprio o uso do termo psicose-carcerária, visto que não há meios suficientemente válidos que sustentem de fato que a psicose se dá devido o encarceramento. Contudo, salienta que ele produz efeitos psicológicos que não devem ser ignorados.

O ambiente penitenciário perturba ou impossibilita o funcionamento dos mecanismos compensadores da psique, que são os que permitem conservar o equilíbrio psíquico e a saúde mental. Tal ambiente exerce uma influência tão negativa que a ineficácia dos mecanismos de compensação psíquica propicia a aparição de desequilíbrios que podem ir desde uma simples reação psicopática momentânea até um intenso e duradouro quadro psicótico, segundo a capacidade de adaptação, que o sujeito tenha. (BITENCOURT, 2001, p.198).

Dados fornecidos em 2019 pelo Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública revelam o alto número de suicídios dentro dos presídios brasileiros, contabilizando 25,2 atos consumados a cada cem presidiários. Essa informação se agrava quando é tomada a ciência que esse número é 4 vezes maior em relação à taxa de suicídio da população geral brasileira. O descaso com a população carcerária transpõe as questões físicas para as relacionadas à saúde mental também. Bitencourt (2001) ressalta que a grande ocorrência de suicídios nas prisões indica de forma eficaz os graves prejuízos psíquicos que a prisão ocasiona e que salienta a contradição entre o discurso reabilitador do Estado.

Por vários motivos, os reclusos podem desenvolver um quadro depressivo clássico de indiferença, inibição, desinteresse, perda de memória ou incapacidade para usá-la, perda de apetite, bem como uma ideia autodestrutiva que pode chegar ao suicídio. [...] O suicídio é relativamente frequente entre os condenados a longas penas. Essa é mais uma das tantas contradições existentes entre o propósito reabilitador que se atribui à pena privativa de liberdade e a imposição de penas muito longas. (BITENCOURT, 2001, p. 200).

2.1.2 Sistema prisional e pandemia

Além das questões abordadas dentro do embasamento teórico ilustrado, é primordial mencionarmos que ainda estamos vivenciando um contexto de pandemia, ocasionado pela Covid-19, que tem o seu agravamento no Brasil no início de 2020. Com isso, medidas de segurança foram aplicadas em todo o país. Goffman (1982) disserta que o confinamento presente nas instituições penais é permeado por vulnerabilidade e estigma, uma vez que é imposto por uma autoridade penal.

Carvalho (2020) reforça a vulnerabilidade de indivíduos em situação prisional à Covid-19 devido à precária infraestrutura e superlotação presente nos presídios.

O confinamento dentro de uma unidade prisional é distinto de outros tipos, como cruzeiros, escolas, quarentena, que são isolamentos voluntários, ao passo que na prisão a liberdade está cerceada involuntariamente. Nesse sentido, quando aplicada ao contexto prisional, a medida de isolamento resulta em uma superposição de confinamentos, a qual intitulamos de super isolamento. Porém, muitos presídios no Brasil e no mundo são superlotados, oferecendo pouco espaço em relação ao preconizado para adequado distanciamento. Dos países, 59% possuem taxas de ocupação prisional que excedem a capacidade relatada. Com isso, é alta a possibilidade de que o coronavírus seja rapidamente transmitido no interior das instituições penais (CARVALHO, 2020, p. 5).

Tendo em vista a precariedade encontrada dentro dos presídios brasileiros, o enfrentamento à pandemia de Covid-19 tornou-se um desafio ainda maior para os

encarcerados. Em condições sub-humanas, em que o saneamento básico é utópico e a superlotação é praxe, o devido e esperado isolamento não acontece. Essa realidade revela tal descaso capaz até mesmo de colocar em risco a saúde da população presidiária. Outros pontos relevantes podem ser levantados se o cenário carcerário durante a pandemia for analisado num olhar macro. Carvalho (2020) salienta que a falta de dados em saúde sobre essa parcela da sociedade impossibilita a adoção de medidas efetivas de contenção à pandemia. Além disso, as negligências acontecem até mesmo na mais básica e primordial tomada de providências, que é a educação em saúde e testes em massa na população carcerária.

Em meio ao descaso encontrado nos cenários prisionais brasileiros, é importante salientar sobre o princípio da dignidade humana, o mais importante do ordenamento jurídico brasileiro, encontrado no 1º artigo da Constituição Federal e presente no inciso III. É um dos fundamentos primários da constituição do Estado Democrático de Direito do País. Isso significa que, independentemente se o indivíduo esteja cumprindo pena por cometer um crime, seja da instância que for, a sua dignidade deve ser preservada, e todas as instituições e legislações não devem, nunca, criar normativas que coloquem o ser humano em condição degradante, seja para sua honra, espiritualidade ou dignidade.

A dignidade da pessoa humana: concede unidade aos direitos e garantias fundamentais, sendo inerente às personalidades humanas. Esse fundamento afasta a idéia de predomínio das concepções transpessoalistas de Estado e Nação, em detrimento da liberdade individual. A dignidade é um valor espiritual e moral inerente à pessoa, que se manifesta singularmente na autodeterminação consciente e responsável da própria vida e que traz consigo a pretensão ao respeito por parte das demais pessoas, constituindo-se um mínimo invulnerável que todo estatuto jurídico deve assegurar, de modo que, somente excepcionalmente, possam ser feitas limitações ao exercício dos direitos fundamentais, mas sempre sem menosprezar a necessária estima que merecem todas as pessoas enquanto seres humanos; (MORAES, 2020, p. 42).

2.2 JORNALISMO NA INTERNET

Desde a imprensa de Gutenberg até os atuais dias, a tecnologia se mostra presente na atuação do jornalista. Devido às inovações tecnológicas, as redações

tiveram que se adaptar a um novo modelo de fazer jornalismo, encarando desafios ao longo dessas mudanças. Com ênfase ainda maior no despertar do século XXI, o jornalismo sente a necessidade da utilização de novas tecnologias de comunicação nas suas práticas, tendo em vista o surgimento de demandas emergentes tais como a interatividade, a instantaneidade e a convergência midiática.

Segundo Chistofori (2006), a internet conseguiu reunir meios de comunicações tradicionais (textos impressos, áudio, vídeo, fotografia, animação etc.) em um único veículo, melhorando a sua precisão e capacidade técnica. Porém, esses veículos antes totalmente dominados pelas empresas jornalísticas, quando reunidos em uma nova forma, criam dúvidas e desafios para os profissionais. Ainda segundo a autora:

Os jornalistas acostumados com os famosos meios de comunicação de massa, em que a produção era em sentido único, de poucos para uma audiência múltipla, se deparam com uma outra realidade, que permite a qualquer pessoa se tornar fonte de informação, caracterizando a transmissão do sentido da mensagem de muitos para muitos. Além disso, o aumento da interação entre os indivíduos, a velocidade dos dados, a infinidade de conteúdos, a multiplicidade de mídias e a não limitação de espaços vem modificando a atuação do repórter, o formato da mensagem e a visão do leitor. Resumindo, vem mudando o jornalismo (CHISTOFORI, 2006, p.58).

Compreende-se que com a globalização e, principalmente, com a ascensão da internet, a forma de interação com o público mudou. E isso não se deve só à relação com a notícia, mas às demandas da sociedade. O jornalismo teve que desenvolver mecanismos de resposta aos novos contextos proporcionados pelo desenvolvimento da web e pela ascensão dos media sociais que fizeram surgir novos públicos ativos, opinativos e participativos.

Wilson Dizard (2000) separa os meios por duas fases: a fase dos velhos media e a dos novos media, sendo a tecnologia a responsável por essa transição. O autor afirma que os meios digitais alteraram radicalmente a ideia de que os conteúdos informativos são distribuídos às massas por canais diferentes, mas únicos: “Os meios de comunicação de massa estão entre os vários sectores da comunicação que estão a ser transformados pelas novas formas de coletar, armazenar e transmitir informação. O fator comum nessa transição é a mudança para a informação na forma digital” (DIZARD, 2000, p. 24).

Assim como qualquer outro veículo de comunicação, o jornalismo na internet possui características marcantes. Indicando as primeiras considerações sobre a prática jornalística na web, Bardoel e Deuze (1999) apontam como elementos de principais diferenciações desta modalidade a interatividade, a hipertextualidade, a multimídia e a personalização de conteúdo.

Falar de interatividade na internet parece ser um dado adquirido, mas mais do que uma evolução tecnológica, assistimos a uma apropriação social em massa onde são dados meios de intervenção para que o público - pela sua própria vontade - possa participar, intervir e produzir conteúdo. Bardoel e Deuze (1999) afirmam que a notícia online proporciona ao usuário a sensação de fazer parte diretamente do processo jornalístico.

Tais movimentações em rede alteraram não só o panorama jornalístico, como também contextos sociais, institucionais e culturais. Pierre Levy (1999, p. 188) chega mesmo a sugerir um possível desaparecimento dos jornalistas enquanto intermediários devido ao advento das novas tecnologias nas redações. Wolton (1999) em contrapartida, ressalta a importância fundamental de jornalistas num cenário onde há muita informação.

Comunicação direta, sem mediações, como uma mera performance técnica. Isso apela para sonhos de liberdade individual, mas é ilusório. A rede pode dar acesso a uma massa de informações, mas ninguém é um cidadão do mundo querendo saber tudo, sobre tudo, no mundo inteiro. Quanto mais informações há, maior necessidade de intermediários- jornalistas, arquivistas, editores, que filtrem, organizem, priorizem. Ninguém quer assumir o papel de editor-chefe a cada manhã. A igualdade de acesso à informação não cria igualdade de uso da informação. Confundir uma coisa com a outra é tecno-ideologia (WOLTON, 1999, p. 63. Tradução livre).

Nesse contexto, a interatividade pode se dar de diversas maneiras: através de e-mails entre leitores e jornalistas, interação direta em chats e comentários disponibilizados nas plataformas sociais, disponibilização da opinião de usuários, entre outros. Machado (1997) ressalta que a interatividade sucede, também, através do hipertexto, na esfera da própria notícia.

Uma das características mais latentes do jornalismo na internet é justamente a hipertextualidade, textos com links que podem ser acessados durante a navegação e leitura da notícia. Tais links são indicados ao longo do conteúdo por

meio de recursos como negrito, itálico, sublinhado e cores diferentes. Babo (2004) aponta a quebra de linearidade como traço predominante do hipertexto.

O abandono da fixidez pela maleabilidade ou mutabilidade constante, o abandono da linearidade pela natureza reticular, assim como a abertura às remissões inter e intratextuais, o que provoca um descentramento quer da linearidade, quer do próprio núcleo textual, para além do conseqüente descentramento do nó-da-intriga e da unidade de ação, no caso dos textos narrativos. (BABO, 2004, p.108).

A cultura dos media é marcada pela passagem da cultura de massas para uma comunicação que combina vários meios. As pessoas que consumiam um meio (por exemplo, a televisão) de uma determinada maneira passaram a ter poder naquilo que querem ver, escolhendo quando e por que meio querem ser informados. Isso não invalida o fato de a televisão ainda ter a sua função primária de levar informação de um (meio) para muitos (indivíduos). Santaella (2003) caracteriza esta fase, surge uma convergência e, até a interdependência de meios e plataformas. Este fenômeno denominado de “cultura digital” representa o estado atual da sociedade contemporânea e diz respeito ao fato de um só aparelho ter acesso a diferentes meios.

Com a convergência dos meios e o jornalismo inserido na internet, a forma de produzir e consumir as notícias é alterada, permitindo uma série de possibilidades ao jornalista. Machado (2005) salienta que tal multimídia/convergência tornou-se possível graças à digitalização da informação e, posteriormente, à veiculação em diversas plataformas que agregam e se complementam. É o que também destaca Ferrari (2003) quando afirma que

A produção de conteúdo jornalístico para a internet consegue agrupar assuntos díspares que vão de bate-papos com cantores de música pop, passam por discussões sobre a nova coleção de roupas para a boneca Barbie ou o processo de clonagem humana [...] tudo editado por repórteres ou editores de “news”, que acabam, sem saber, mudando e influenciando hábitos de leitura, alterando o código visual, a língua corrente naquele país, o modo de se fazer compras, de se portar diante da vida e, principalmente alterando a cobertura da mídia atual. (FERRARI, 2003, p. 111).

Em síntese, desde a popularização da internet, a comunicação digital causou impactos na maneira como pessoas, empresas e instituições passaram a se relacionar. Uma vez alterada a configuração do processo de produção jornalística, a atividade de consumo exercida dentro da internet também é transmutada através da

personalização de conteúdo. Tal customização ocorre no momento em que o usuário é capaz de escolher os conteúdos que deseja consumir de acordo com seus interesses pessoais, por meio de algoritmos das redes sociais ou até mesmo próprios sites noticiosos que permitem a pré-seleção dos assuntos.

A internet é entendida, portanto, como um meio hipermídia. Para que o jornalismo se adapte às exigências dos leitores e usuários da rede, é demandada a utilização de recursos e elementos específicos no texto jornalístico, como *hiperlinks*, vídeos e imagens, além do texto.

2.3 REPORTAGEM HIPERMÍDIA

Na configuração midiática contemporânea caracterizada por dinâmicas descentralizadas, colaborativas e hiperconectadas emerge o desenvolvimento de um jornalismo hipermidiático. Objetos hipermidiáticos são ferramentas que combinam linguagens audiovisuais e recursos interativos para articular conteúdos, inclusive jornalísticos, em vários meios. Nesse ecossistema, fica difícil separar meio de conteúdo, pois a interatividade pode ser considerada em si conteúdo e meio ao mesmo tempo.

No contexto hipermidiático, derivado de uma cibercultura inserida na sociedade contemporânea, emerge a percepção dos “cyber-acontecimentos”. Compreendem pelo menos três dimensões: os processos transnarrativos e hipermidiáticos que incluem a presença de outros atores fora dos núcleos do jornalismo tradicional; a reverberação instantânea, que passa a ser incorporada na própria narrativa, também a constituindo; e a eclosão desses outros modos de acontecimentos que se tramam no cenário de conexões sistêmicas altamente complexas (HENN, 2013).

O suporte para este processo, no ecossistema da internet, está amparado na linguagem da hipermídia, considerada como um sinônimo de hipertexto, mas que além de permitir a interação por meio de textos, possibilita "mais componentes, além das palavras: grafismos, imagens animadas e/ou estáticas e sons" (ANTONIO, 2012, p. 74). Tal configuração é aplicada ao jornalismo que se ajusta às características hipermidiáticas, colaborativas, fragmentadas da comunicação pós-massiva.

Isso se dá graças à evolução do jornalismo dentro da internet. Andrade (2007) traz os estágios até a ascensão digital no âmbito jornalístico.

A história do jornalismo on-line é caracterizada [...] em três estágios: o transpositivo, marcado pela transposição pura e simples do conteúdo impresso para exibição em páginas da web, atualizadas diariamente, de acordo com o fechamento da edição impressa; o perceptivo, que apesar de ainda permanecer o caráter transpositivo, há a percepção por parte dos veículos, de elementos pertinentes a uma organização da notícia na rede; e, o hipermidiático, que intensifica o uso de recursos hipertextuais e a convergência entre diversos suportes (ANDRADE, 2007, p. 21).

A linguagem da hipermídia demanda uma organização que seja capaz de harmonizar todos os seus elementos e processos, de modo que as interfaces contemplem em totalidade suas distintas matrizes de linguagem, envolvendo as propriedades das linguagens sonora, visual e verbal.

Dessa maneira, podemos observar que a convergência de mídias serve de guarda-chuva para um conjunto de proposições técnicas e de interação em torno da comunicação a partir das novas formas tecnológicas existentes. Com o advento da comunicação hipermídia e transmídia, cresce o volume de conteúdos como reportagens multimídia, compostas por suportes de mídia variados, hospedados em diversos ambientes. Essas dinâmicas hipermidiáticas e colaborativas possibilitam um conjunto maior de informações e interações, que propiciam à audiência a oportunidade de se aprofundar nos fatos noticiados. Além disso, dentro do modelo hipermídia, são estabelecidas conexões mais amplas e diversas entre meios, linguagens, conteúdo, documentos – o que enriquece a própria dinâmica jornalística. Esses "elos" propiciam um percurso narrativo não-linear e multifacetado. O leitor hiper midiático é um leitor ativo, que está a todo momento estabelecendo relações próprias entre diversos caminhos (LEÃO, 2001, p.16).

É por esse motivo que, segundo Longhi (2009, p. 899), a produção jornalística multimídia tem aumentado os formatos e os conteúdos associados às reportagens. Nessa perspectiva, entende-se que a reportagem hipermídia seria o gênero específico do webjornalismo. Com a propriedade agregadora da configuração multimídia e transmídia, característica da comunicação pós-massiva, é possível oferecer um conteúdo mais profundo, múltiplo e colaborativo, permitindo à audiência não só um maior mergulho nos fatos noticiados, mas também uma participação

maior nos processos de produção e distribuição de informações, multiplicadas por vários formatos e meios.

3 DESCRIÇÃO DO PROCESSO DE PRODUÇÃO E PRODUTO

O avanço contínuo das mídias digitais e das novas tecnologias levou a uma convergência no campo da comunicação, o que resultou no surgimento do jornalismo digital. Na prática, algumas mudanças na pesquisa, produção de notícias, disseminação de informações e relações emissor-receptor são evidentes, sugerindo que o jornalismo no âmbito digital também está em processo de transformação.

As notícias da internet, na forma como são noticiadas, oferecem aos jornalistas um leque de possibilidades, mudando os hábitos dos destinatários das notícias e a cobertura midiática atual.

A produção de conteúdo jornalístico para a internet consegue agrupar assuntos díspares que vão de bate-papos com cantores de música pop, passam por discussões sobre a nova coleção de roupas para a boneca Barbie ou o processo de clonagem humana [...] tudo editado por repórteres ou editores de “news”, que acabam, sem saber, mudando e influenciando hábitos de leitura, alterando o código visual, a língua corrente naquele país, o modo de se fazer compras, de se portar diante da vida e, principalmente alterando a cobertura da mídia atual. (FERRARI, 2003, p. 111).

Em suma, desde a popularização da internet, a comunicação digital causou impactos na maneira como as pessoas, empresas e instituições passaram a se relacionar. Para Ferrari (2003), a mídia digital possibilita o acesso a indivíduos digitais, ou, como denominou o autor Marc Prensky, nativos digitais. Um ser que cresceu interagindo com o mundo eletrônico, com suas preferências editoriais e desejos consumistas.

Os jovens entre 18 e 25 anos são hoje os potenciais consumidores da nova mídia interativa. São eles que se sentem atraídos por um amplo leque de recursos que vão desde compras on-line [...] até um acesso direto às oportunidades de pesquisa e educação à distância. (FERRARI, 2003, p. 109).

Assim, as atividades noticiosas na Internet são disponibilizadas por meio de uma série de recursos hipermídia, como imagens, vídeos, áudios e hiperlinks, que constituem informações diversas que podem satisfazer os interesses dos leitores em vários níveis.

As reportagens hipermídias, em sua maioria, são compostas por diversos elementos visuais e sonoros, diagramados de forma a tornar a leitura mais dinâmica e agradável. A partir de tal compreensão, buscou-se utilizar tais referências na grande reportagem objeto deste Trabalho de Conclusão de Curso, juntamente com técnicas de apuração e entrevista jornalística. Para isso, foram executadas as etapas de elaboração da pauta, pesquisa sobre as possíveis fontes e dados relevantes sobre a temática, entrevistas com personagens que vivenciaram o sistema carcerário e especialistas na área, registradas em áudio e vídeo, edição desses áudios e vídeos, e pesquisa de imagens ilustrativas.

A pauta, de acordo com o que diz Nilson Lage (2001, p. 15), é “o planejamento de uma edição ou parte da edição, com a listagem dos fatos a serem cobertos”, possibilitando, assim, que o produto siga um caminho já pré-definido, mesmo que eventualmente a pauta “caia” ou se transforme durante a produção. Ainda segundo Lage, “uma pauta bem feita prevê volume de informação necessário para a garantia de eventuais quedas de pauta e ainda matérias que poderão ser aproveitadas posteriormente” (idem, 2001, p. 16).

A pesquisa e o contato com as possíveis fontes foram realizados no decorrer da produção deste trabalho. As pesquisas giraram em torno de entrevistados que pudessem agregar informações e estimular a reflexão a partir das experiências com o tema e também indivíduos que já estiveram em situação prisional. Isso porque por fontes de notícias entendem-se

[...] pessoas, organizações, grupos sociais ou referências; envolvidas direta ou indiretamente a fatos e eventos; que agem de forma proativa, ativa, passiva ou reativa; sendo confiáveis, fidedignas ou duvidosas; de quem os jornalistas obtêm informações de modo explícito ou confidencial para transmitir ao público, por meio de uma mídia. (SCHMITZ, 2011, p. 9).

Após realizadas as pesquisas, foi feito o contato com as fontes. Ao todo foram enviadas mensagens para 7 especialistas do ramo, desde grandes personalidades da mídia até professores e mestres de grandes universidades do Brasil. Desses, 4 retornaram o contato e 1 aceitou o convite de participar da reportagem em questão.

O especialista entrevistado para a reportagem foi o Dr. Rodolfo Arruda Leite de Barros, professor Adjunto na Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD no curso de graduação em Ciências Sociais e pesquisador da área. Além do especialista, foram contatadas outras 2 fontes egressas do sistema carcerário. Ambas optaram por manter em sigilo a identidade.

As entrevistas para a reportagem ocorreram de formas distintas. A primeira entrevista, com o especialista, foi feita de forma virtual, pois o entrevistado reside em diferente localidade. Foi gerado um link de reunião pela ferramenta Google Meet. Já as entrevistas com os ex-detentos foram realizadas pelo WhatsApp. Faz-se necessário relembrar que, segundo Lage (2001, p. 32), “a entrevista é o procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo. É uma expansão da consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos”.

Assim, após essa coleta dos dados com os entrevistados, foi realizada a edição dos áudios e das imagens das entrevistas para a produção da reportagem. Seguindo a proposta inicial do produto, a edição foi realizada apenas para adequar algumas pequenas falhas, respirações e pausas longas entre as falas. Para isso, foi usado o programa Adobe Premiere para a edição do vídeo e a plataforma Audacity para a edição e modulação das vozes dos áudios. Já a plataforma escolhida para diagramação e repositório do conteúdo foi a ReadyMag, que disponibiliza acesso gratuito.

A proposta inicial era que o produto fosse composto por 3 narrativas de diferentes personagens: um homem ex-detento, uma mulher ex-detenta e uma pessoa transexual ex-detenta, para abordar a problemática atual do sistema carcerário brasileiro. Porém, no decorrer da produção, algumas dificuldades apareceram, como o desafio em encontrar fontes engajadas no assunto e a demora ou inexistência nas respostas das pessoas contatadas.

Como resultado, foi possível realizar a reportagem com 2 personagens, além do especialista. Além disso, outro impasse encontrado foi conseguir que as fontes (ex-detentos) concedessem as entrevistas e assinassem as autorizações de uso de imagem e voz, já que estavam apreensivos a respeito do sigilo de identidade.

Para ambas as gravações foram tomados alguns cuidados para que tudo saísse de forma segura e sem imprevistos. Na primeira entrevista, o link para a reunião foi gerado com antecedência e enviado para o especialista. Dessa forma,

ficou garantida a gravação e não houve nenhum problema. Já nas entrevistas com os ex-detentos, foi utilizado um aplicativo gravador de chamada, o Cube ACR, para gravar as conversas que foram realizadas por chamada de voz.

O link com a reportagem e a pauta encontram-se nos Apêndices deste trabalho.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jornalismo se mostra fundamental em todos os âmbitos da vida humana. Isso porque o jornalista tem a grande missão de noticiar e gerar debates para que a sociedade se envolva em acontecimentos que, de outra forma, passariam despercebidos. É o que acontece com as temáticas do encarceramento e do sistema prisional.

Expor as problemáticas do sistema carcerário brasileiro e todas as falhas que esse modelo atual apresenta permite que um debate maior seja criado, a partir da exposição de narrativas reais, embasadas em vivências de pessoas que já estiveram nesse lugar; em dados apresentados e comprovados e até mesmo pela observação dos frutos que o sistema prisional apresenta, como reincidência e aumento exponencial dos presídios à medida que a desigualdade cresce.

Mas, para que essas reflexões aconteçam de forma benéfica e significativa para a sociedade, o comprometimento e o profissionalismo por trás das produções jornalísticas, como demonstrado neste TCC, precisam ir muito além do que apenas expor uma única opinião: exigem muitas pesquisas, fundamentações e técnicas.

Este foi o primeiro aprendizado proporcionado pela caminhada ao longo da pesquisa, que tinha o objetivo geral de produzir uma grande reportagem hipermídia para discutir o encarceramento no Brasil e suas consequências sociais. Desdobrados em objetivos específicos, estabeleceu-se como prioridade identificar os impactos sociais, emocionais, físicos e psicológicos ocasionados pelo encarceramento e difundir o outro lado, pouco conhecido, da moeda. Portanto, avalia-se que esses objetivos foram atingidos integralmente. Através das pesquisas para este trabalho de conclusão de curso e com a elaboração da reportagem, a autora se aprofundou ainda mais no tema e mudou também a sua perspectiva sobre ele, além de promover as discussões com os entrevistados.

As técnicas utilizadas pela área do jornalismo para abordar assuntos diversos e difundir as informações se mostraram fundamentais para responder a questão-problema deste trabalho, pois através delas foi possível explorar, aprofundar e debater esse tema tão importante para a vida em sociedade. Sendo assim, foi possível perceber que o jornalismo é parte essencial não só para a comunicação, como também para todas as áreas e para a população.

Durante todo o processo de produção deste Trabalho de Conclusão de Curso, o foco principal foi abordar o tema do encarceramento e as problemáticas do sistema prisional de forma democrática, mas buscando o máximo de informações para que sua complexidade fosse compreendida até mesmo por quem não consome esse conteúdo no cotidiano. Em muitas fases, o percurso se mostrou desafiador diante de imprevistos com as possíveis fontes e escassez de dados comprovados em torno do assunto, mas permitiu rica ampliação a respeito do tema, além de permitir colocar em prática técnicas e aprendizados do jornalismo que serão levados para toda a trajetória profissional.

Este Trabalho de Conclusão de Curso veio para agregar tanto na área do jornalismo quanto no âmbito social, pois com todos os dados reunidos, permite-se que outras pessoas se aprofundem no assunto. Além disso, a reportagem vem para contribuir com a sociedade, levando a discussões e uma gama de informações que ainda são pouco debatidas. Com isso, espera-se que o futuro da sociedade seja marcado por uma maior amplitude de debates sobre o sistema carcerário e métodos de punição.

Para a autora, os benefícios de se produzir este trabalho são inúmeros, pois através dele foi possível repensar seu papel como comunicadora na sociedade, além de ter agregado para a sua vida profissional com práticas de escrita, pesquisas aprofundadas e vivências na prática com os ensinamentos aprendidos durante o curso.

Faz-se necessário apontar, contudo, que este tema ainda vai muito além do apresentado nesta pesquisa e é muito mais complexo do que se imagina. Por trás das problemáticas existentes dentro dos presídios, existem desafios já enraizados na sociedade para serem vencidos tais como: racismo estrutural, desigualdade social, definição de criminologia e guerra às drogas.

O caminho ainda é longo para a sociedade encontrar um meio mais humanizado, que não infrinja os direitos humanos de nenhum indivíduo,

independentemente da situação em que se encontra. E entender que o caminho pode ser mudado com mais investimento e políticas públicas em áreas estratégicas como a educação, em vez de investimentos apenas na construção de presídios.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. **Usabilidade de interfaces web - Avaliação heurística do Jornalismo Online**. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

ANTONIO, J. **Intertexto, hipertexto, hipermídia, transmídia: os caminhos da tecno-arte-poesia**. Associação Brasileira de Literatura Comparada. São Paulo: Abralic, 2012.

BABO, M. A. **O hipertexto como nova forma de escrita**. In: SÜSSEKIND, F.; DIAS, T. (Orgs.). *A historiografia literária e as técnicas de escrita*. Rio de Janeiro: Ed. Casa de Rui Barbosa: 2004. p.104-111.

BARDOEL, J.; DEUZE, M. **Network Journalism: converging competences of old and new média professionals**. 1999. Disponível em: <http://home.pscw.uva.nl/deuze/pub19.htm>. Acesso em: 20 de mar. 2022

BARROS-BRISSET, F. O. Genealogia do conceito de periculosidade. **Responsabilidades**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 37-52, 2011.

BITENCOURT, C. **Falência da Pena de Prisão: Causas e Alternativas**. São Paulo: Ed Revistas dos Tribunais LTDA, 2001.

CARVALHO, S. **Anti Manual de Criminologia**. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 2020.

CHARON, Y. **A Entrevista na Televisão**. Mem Martins, Editorial Inquérito, 1995.

CHISTOFORI, E. **O Jornalismo do Futuro: processo de comunicação no jornalismo digital**. 1º semestre de 2006. Disponível em: <http://www.ufjf.br/facom/files/2013/04/ECChistofori.pdf>. Acesso em: 21 de abr. 2022

CONSTANTINO, P.; ASSIS, S. G.; PINTO, L.W. O impacto da prisão na saúde mental dos presos do estado do Rio de Janeiro, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva** [online]. 2016, v. 21, n. 7, pp. 2089-2100. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232015217.01222016>. Acesso em 29 de maio 2022.

DEPEN: **Departamento Penitenciário Nacional. Sistema penitenciário no Brasil-dados consolidados**. Ministério da Justiça, 2019.

DIZARD, W. **A nova mídia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2000.

- FERRARI, P. **Jornalismo Digital**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2003. 120 p.
- FERRARI, P. **Jornalismo digital**. Edição 4, 2010. 128p.
- FOCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, Vozes, 1999.
- GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. Rio de Janeiro: Zahar; 1987.
- GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar; 1982.
- HENN, R. C.; OLIVEIRA, F. M. **Jornalismo e movimentos em rede: a emergência de uma crise sistêmica**. Revista FAMECOS (Online)., v.22, p.1 - 19, 2013.
- IPEA. **Relatório final de atividades da pesquisa sobre reincidência criminal**. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://www.jota.info/wp-content/uploads/2015/07/577d8ea3d35e53c27c2ccc265cd62b4e.pdf>. Acesso em: 25 de maio 2022.
- LAGE, N. **Reportagem: Teoria e Técnica de Entrevista e Pesquisa Jornalística**. 1ª ed. São Paulo: Editora Record. 2001.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- LEAL, C. **Prisão: Crepúsculo de uma Era**. 1ª ed. Belo Horizonte: Del Rey, 1998.
- LEÃO, L. **O Labirinto da hipermídia: arquitetura e navegação no ciberespaço**. São Paulo: Ed. Iluminuras, 2001.
- LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. 13º ed. Rio de Janeiro: Editoria 34, 1999. 208 p.
- LONGHI, R. **Infograia online: narrativa intermídia**. Revista Estudos em Jornalismo e Mídia, v. 6, n. 1, 2009.
- MACHADO, E. **Modelos de jornalismo digital**. Salvador: Edições GJOL; Calandra, 2005. (Coleção Pixel 1) 233 p.
- MACHADO, Arlindo. **Hipermídia: o labirinto como metáfora**. In: DOMINGUES, Diana. (org.) A Arte no Século XXI: a humanização das tecnologias, São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.
- MORAES, Alexandre de. **Direito constitucional**. 13.ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- SANTAELLA, Lúcia. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. **Revista FAMECOS: Mídia, cultura e tecnologia**. Porto Alegre, n.22, dez. 2003.
- Schmitz, A. (2011). Fontes de Notícias- Ações Estratégicas das fontes do jornalismo. Florianópolis: Combook.

WACQUANT, L. “**Deadly Symbiosis**”. Boston Review, v. 27, n. 2, p. 23-31, 2002.

WOLTON, D. **Internet et après: une theorie critique des nouveaux médias**. Paris: Flammarion, 1999.

APÊNDICE A – PAUTA GRANDE REPORTAGEM

 UNISAGRADO <small>Ensino Superior de Excelência</small>	Produtor		Data da produção
	1	Isabel Helena de Góes Martins	Maior/2022

PROPOSTA: Essa reportagem tem como objetivos explorar os resultados e frutos da vivência obtida no período carcerário das personagens a serem entrevistadas e expor as problemáticas advindas de tal ocorrido. Expor o que leva a reincidência e quais foram os desafios encontrados do lado de fora após as suas solturas. As percepções de especialista sobre o método atual de disciplina dos presídios brasileiros. Explorar as considerações sobre as problemáticas da prisionalização e da reinserção social, além dos impactos mentais advindos de tal privação de liberdade.

ENTREVISTADO 1: Fátima Miranda*

A entrevistada em questão é uma mulher de 56 anos, periférica do interior de São Paulo, que ao adentrar a fase adulta se envolveu com tráfico de drogas e foi presa pelo artigo 33. Após cumprir pena de 1 ano, teve sua soltura plena em 1990 e não teve reincidência criminal.

PERGUNTAS DA ENTREVISTA:

- Apresentação: nome, idade, cidade e estado e profissão.
- Qual é a realidade de onde você veio?
- Quando foi a primeira vez que você teve contato com o mundo do tráfico?
- O que te levou a entrar nessa vida? Você diria que foi uma escolha?
- Como você operava no esquema do tráfico?
- Você, em algum momento, pensou nas consequências que isso poderia te trazer?
- E quando as consequências chegaram, você se arrependeu de imediato? Como foi isso?
- Com quantos anos você recebeu o mandado de prisão? Como a sua família reagiu?
- Me conta como era dentro da prisão, qual foi a primeira impressão que você teve ao se deparar com aquele ambiente.
- Como era a alimentação no presídio?

- Quais eram as condições sanitárias e de higiene?
- Você conheceu ou se deparou com alguma espécie de quadrilha dentro da prisão? Tinha alguma mulher que mandava mais que as outras lá dentro?
- Você conseguiu fazer amizades lá dentro?
- Aconteceu algo marcante durante o período de encarceramento que a senhora queira compartilhar?
- Se a senhora pudesse descrever o presídio em uma palavra ou uma frase, qual seria?
- Quando você recebeu soltura, qual foi a primeira dificuldade que a senhora encontrou?
- Você sentiu alguma diferença no tratamento das pessoas do seu convívio com a sua volta?
- Você conseguiu voltar a trabalhar depois de quando tempo?
- Você considera que o encarceramento causou algum dano mental, emocional ou físico?

A entrevista será feita pelo Whatsapp. Como a entrevistada pediu para não ser identificada, a voz será modulada por meio de edição de áudio para manter o sigilo da fonte.

ENTREVISTADO 2: Renan Gomes*

O entrevistado em questão é um rapaz de 32 anos, periférico do interior de São Paulo, que logo na juventude se envolveu com o tráfico de drogas e foi preso pelo artigo 33, pela primeira vez em 2010. Após cumprir a pena de 2 anos, foi solto e preso novamente em 2013 por reincidência criminal referente ao mesmo artigo. Dado os fatos, recebeu uma maior pena, dessa vez de 4 anos.

O intuito da entrevista é mostrar a outra face da moeda.

PERGUNTAS DA ENTREVISTA:

- Qual é a realidade de onde você veio?
- Quando foi a primeira vez que você teve contato com o mundo do tráfico?
- O que te levou a entrar nessa vida? Você diria que foi uma escolha?
- Como você operava no esquema do tráfico?
- Você, em algum momento, pensou nas consequências que isso poderia te trazer?
- E quando as consequências chegaram, você se arrependeu de imediato? Como foi isso?
- Com quantos anos você recebeu o mandado de prisão? Como a sua família reagiu?
- Me conta como era dentro da prisão, qual foi a primeira impressão que você teve ao se deparar com aquele ambiente.
- Como era a alimentação no presídio?
- Quais eram as condições sanitárias e de higiene?
- Você conheceu ou se deparou com alguma espécie de quadrilha dentro da prisão?
- Você conseguiu fazer amizades lá dentro?

- Quando você saiu pela primeira vez do presídio, qual foi o primeiro pensamento que você teve?
- Qual foi a realidade que você se deparou quando solto pela primeira vez em 2012?
- O que te fez voltar ao crime do tráfico outra vez? Mesmo passando por tudo que havia passado na prisão?
- A segunda vez que você foi preso, foi o mesmo sentimento da primeira vez? O que havia mudado em você?
- Quando você foi solto pela segunda vez, 4 anos depois, qual era a sensação?

- Aconteceu algo marcante durante o período de encarceramento que você queira compartilhar?
- Se você pudesse descrever o presídio em uma palavra ou uma frase, qual seria?
- Quando você recebeu soltura, qual foi a primeira dificuldade que você encontrou?
- Você sentiu alguma diferença no tratamento das pessoas do seu convívio com a sua volta?
- Você conseguiu voltar a trabalhar depois de quanto tempo?
- Você considera que o encarceramento causou algum dano mental, emocional ou físico?

A entrevista será feita pelo Whatsapp. Como o entrevistado pediu para não ser identificado, a voz será modulada por meio de edição de áudio para manter o sigilo da fonte.

ENTREVISTADO 3: Rodolfo Arruda Leite de Barros, especialista no tema pela UFGD

CONTATO: rodolfobarros@ufgd.edu.br

PERGUNTAS DA ENTREVISTA:

- Apresentação: nome, idade, formação, profissão, cidade em que reside atualmente.
- Hoje, como um especialista no tema, como você encara a o método atual de punição e controle da Justiça brasileira?
- Você considera o sistema carcerário um meio eficaz de disciplina? Porque?
- Quais são as maiores problemáticas do sistema carcerário atual?
- Você considera que o governo promove, de fato, meios de reinserção desses indivíduos na sociedade?
- Após a soltura de um ex-presidiário, você considera que a sociedade está pronta pra recebê-lo em todos os âmbitos?
- Você considera que a sociedade, vê o presidiário como vê, devido ao próprio sistema prisional?
- Você acredita que há outros meios mais eficazes de disciplina para indivíduos que cometam crimes? Quais?

SUGESTÃO DE IMAGENS:

- Captar imagens da entrevista, que será realizada pelo Meet, para compor a

reportagem hiper­m­idia.

AP­ENDICE B – LINK DA REPORTAGEM